

11 colinas p. 58

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

CADERNOS  
DE ESTUDOS  
LINGVISTI  
COS 19 

O DISCURSO E SUAS ANÁLISES

Organizadores: Eni Pulcinelli Orlandi  
João Wanderley Geraldi

Cad.Est.Ling.	Campinas	n.19	p.1-179	Jul./dez.1990
---------------	----------	------	---------	---------------

27. Esta expressão se deve a Régis Debray, que em sua *Modeste Contribution aux cérémonies officielles du dixième anniversaire* (Maspero, 1978) evoca este discurso aparentemente sem propósito do "qualquer coisa", que floresce hoje em nossas metrópoles. Imagem esclarecedora, com a condição de entender que este discurso do "qualquer coisa" não se alimenta justamente de "qualquer coisa".
28. Porque o olho é ainda mais crível que o ouvido: diferentemente de um enunciado, uma imagem não tem alhures; não se pode aplicar a ela uma "transformação" negativa ou interrogativa.

## HETEROGENEIDADE(S) ENUNCIATIVAS(S)

JACQUELINE AUTHIER-REVUZ

(Tradução de Celane M. Cruz e João Wanderley Geraldi)

A "complexidade enunciativa" está na moda: distanciamento, graus de comprometimento, desnivelamentos ou deslocamentos enunciativos, polifonia, desdobramentos ou divisão do sujeito enunciadador... tantas são as noções que - em quadros teóricos diferentes<sup>1</sup> - dão conta de formas linguísticas discursivas ou textuais alterando a imagem de uma mensagem monódica. Numerosos trabalhos o testemunham, nestes últimos anos, tratando do discurso relatado (direto, indireto, indireto livre), aspas, itálicos, citações, alusões, ironia, pastiche, estereótipo, pressuposição, pré-construtos, enunciado dividido, palavras "argumentativas"...

Gostaria, aqui, de me interrogar sobre um conjunto de formas que chamo de formas de "heterogeneidade mostrada" por inscreverem o outro na seqüência do discurso - discurso direto, aspas, formas de retoque ou de glosa, discurso indireto livre, ironia<sup>2</sup> - relativamente ao estatuto das noções enunciativas ("distância" etc.) evocadas acima, bastante problemático a despeito ou em razão de seu caráter "natural", "intuitivamente falando".

Parece-me que estas noções estão, de fato, necessariamente ancoradas no exterior da linguística trazendo - de modo ingênuo ou teórico - concepções do sujeito e de sua relação com a linguagem; e que é inadequado para a linguística não explicitar sua relação com este exterior, pois quaisquer que sejam as precauções tomadas para delimitar um campo autonomamente linguístico, num domínio como o da enunciação, o exterior inevitavelmente retorna implicitamente ao interior da descrição e isto sob a forma "natural" de reprodução, na análise, das evidências vivenciadas pelos sujeitos falantes quanto a sua atividade de linguagem. Assim, é explicitamente que eu gostaria de não recorrer a abordagens que, do exterior da linguística, seduzidas irreversivelmente pelas evidências narcísicas do sujeito fonte e senhor de seu dizer, para recorrer a um exterior perti-

nente para o campo lingüístico da enunciação, a fim de poder trabalhar neste campo sem participar da "operação de salvamento do sujeito" que P. Kuentz (1972) denunciava há dez anos<sup>3</sup>.

Para propor o que chamo de heterogeneidade constitutiva do sujeito e de seu discurso, apoiar-me-ei, de um lado, nos trabalhos que tomam o discurso como produto de interdiscursos ou, em outras palavras, a problemática do dialogismo bakhtiniano; de outro lado, apoiar-me-ei na abordagem do sujeito e de sua relação com a linguagem permitida por Freud e sua releitura por Lacan.

É em relação a esse exterior à lingüística - isto é, levando-o em conta mas sem com ele se confundir, tentando mostrar a irredutibilidade e a articulação dos dois planos - que proporei uma descrição da heterogeneidade mostrada como formas lingüísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso. Neste artigo, restringir-me-ei apenas às formas marcadas de heterogeneidade mostrada que manifestam, sob a forma da denegação, um desconhecimento protetor da heterogeneidade constitutiva, deixando para outra oportunidade o tratamento, sob a mesma ótica das formas não marcadas desta negociação.

- 1 -

Face à pretensão - espontânea ou teoricamente conduzida - do sujeito como fonte autônoma do sentido que comunica através da língua, abordagens teóricas diversas têm mostrado que toda fala é determinada de fora da vontade do sujeito e que este "é mais falado do que fala".

Este "de fora" não é o que, inevitavelmente, o sujeito portador de um sentido encontraria e em função do qual se determinariam as formas concretas de sua existência e aquela de seu discurso; está no exterior ao sujeito, no discurso, como condição constitutiva de existência.

Não pretendo apresentar aqui, ainda que esquematicamente, qualquer destas abordagens em sua coerência, muito menos ainda pretendo "articular" estas abordagens: contentar-me-ei em evocar fragmentariamente os pontos a que me remeterei especificamente ao que chamo de heterogeneidade constitutiva do sujeito e do seu discurso.

1.1. O "dialogismo" do círculo de Bakhtin, como se sabe, não tem como preocupação central o diálogo face a face, mas constitui, através de uma reflexão multiforme, semiótica e literária, uma teoria da dialogização interna do discurso. As palavras são, sempre e inevitavelmente, "as palavras dos outros": esta intuição atravessa as análises do plurilinguismo

e dos jogos de fronteiras constitutivas dos "falares sociais", das formas lingüísticas e discursivas do hidrismo, da bivalência que permitem a representação no discurso do discurso do outro, gêneros literários manifestando uma "consciência galileiana da linguagem", um rir carnavalesco, um romance polifônico<sup>4</sup>.

"Somente o Adão mítico, abordando com sua primeira fala um mundo ainda não posto em questão<sup>5</sup>, estaria em condições de ser ele próprio o produtor de um discurso isento do já dito na fala de outro. Nenhuma palavra é "neutra", mas inevitavelmente "carregada", "ocupada", "habitada", "atravessada" pelos discursos nos quais "viveu sua existência socialmente sustentada". O que Bakhtin designa por saturação da linguagem constitui uma teoria da produção do sentido e do discurso: coloca os outros discursos não como ambiente que permite extrair halos conotativos a partir de um nó de sentido, mas como um "centro" exterior constitutivo, aquele do já dito, com o que se tece, inevitavelmente, a trama mesma do discurso.

O estatuto do sujeito do discurso tal como aparece nas noções de "intenção" ou de "orientação de um discurso a um objeto" é deslocado de maneira central e torna-se problemático<sup>6</sup>; este é um dos pontos que impedem, a despeito de encontros irrecusáveis, uma aproximação demasiadamente sistemática das perspectivas dialógicas e "estruturalista" na abordagem do discurso.

1.2. E à problemática do discurso como produto do interdiscurso, tal como foi desenvolvida num conjunto de trabalhos consagrados ao discurso e à análise do discurso<sup>7</sup> que estou me referindo. Baseadas ao mesmo tempo na reflexão de Foucault e na de Althusser, tais análises postulam um funcionamento regulado do exterior, do interdiscurso, para dar conta da produção do discurso, maquinaria estrutural ignorada pelo sujeito que, na ilusão, se crê fonte deste seu discurso, quando ele nada mais é do que o suporte e o efeito.

"O próprio de toda formação discursiva é o de dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso determinante desta formação discursiva como tal, objetividade material que reside no fato de que "isso fala" (ça parle) sempre, "antes, alhures e independentemente"<sup>8</sup>.

A noção de pré-construto, marca do interdiscurso no intradiscurso - em outras palavras, recuperável na sequência discursiva - é, por

exemplo, a característica desta problemática na sua oposição à pressuposição como ato de linguagem.

A evidência destes processos reais que determinam o sentido e o discurso é, com efeito, indissociável de uma teoria da ilusão subjetiva da fala<sup>9</sup> e de um questionamento das teorias linguísticas da enunciação à medida que estas correm o risco de refletir "a ilusão necessária constitutiva do sujeito", contentando-se em reproduzir, no nível teórico, esta ilusão do sujeito enunciador capaz de escolhas, intenções e decisões<sup>10</sup>.

1.3. Numa outra perspectiva - a da teoria de seu objeto próprio, o inconsciente - a psicanálise, tal como se explicita, apoiada na teoria de Saussure, na leitura lacaniana de Freud<sup>11</sup>, produz a dupla concepção de uma fala fundamentalmente heterogênea e de um sujeito dividido<sup>12</sup>.

Sempre sob as palavras, "outras palavras" são ditas: é a estrutura material da língua que permite que, na linearidade de uma cadeia, se faça escutar a polifonia não intencional de todo discurso, através da qual a análise pode tentar recuperar os indícios da "pontuação do inconsciente".

Esta concepção do discurso atravessado pelo inconsciente se articula àquela do sujeito que não é uma entidade homogênea exterior à linguagem, mas o resultado de uma estrutura complexa, efeito da linguagem: sujeito descentrado, dividido, clivado, barrado... pouco importa a palavra desde que longe do desdobramento do sujeito<sup>13</sup> ou da divisão como efeito sobre o sujeito do seu encontro com o mundo exterior, divisão que se poderia tentar apagar por um trabalho de restauração da unidade da pessoa, mantido o caráter estrutural constitutivo da clivagem pelo sujeito.

Nisto reside o caráter da "ferida narcísica" que Freud reconhece na descoberta do inconsciente pelo sujeito que "não é mais senhor de sua morada" e é aí que está, de fato, a possibilidade do mascaramento. Assim, pode-se considerar que, através de inscrições políticas opostas, a antipsiquiatria de Laing, por exemplo, onde se denuncia o caráter alienante do meio social, causa do "divided self"<sup>14</sup> e a ego-psicologia adaptativa se esforçando para construir um "eu forte", autônomo, que teria deslocado o isso<sup>15</sup>, reencontrando-se<sup>16</sup> como irmãos inimigos no desconhecimento do inconsciente freudiano e do sujeito descentrado que ele estrutura.

O que, de fato, Freud coloca é que não há centro para o sujeito fora da ilusão e do fantasmagórico, mas que é função desta instância do sujeito que é o eu ser portadora desta ilusão necessária. É a tal posição, a da função do desconhecimento do eu que, no imaginário do sujeito dividido, reconstrói a imagem do sujeito autônomo, apagando a divisão (evidentemente inconciliável com todas as variantes de concepções do sujeito que

se reduzem ao eu ou o centram sobre si próprio) a que remete o ponto de vista segundo o qual "o centro é uma ilusão produzida para o sujeito, que as ciências do homem [e no nosso campo, as teorias da enunciação] tomam como objeto ignorando que ele é imaginário"<sup>17</sup>.

1.4. Em ruptura com o EU, fundamento da subjetividade clássica concebida como o interior diante da exterioridade do mundo, o fundamento do sujeito é aqui deslocado, desalojado, "em um lugar múltiplo, fundamentalmente heterônimo, em que a exterioridade está no interior do sujeito"<sup>18</sup>. Nesta afirmação de que, constitutivamente, no sujeito e no seu discurso está o Outro, reencontram-se as concepções do discurso, da ideologia, e do inconsciente, que as teorias da enunciação não podem, sem riscos para a linguística, esquecer.

- 2 -

Totalmente outro é o ponto de vista linguístico da descrição das formas de heterogeneidade mostrada no discurso, através das quais se altera a unicidade aparente da cadeia discursiva, pois elas aí inscrevem o outro (segundo modalidades diferentes, com ou sem marcas unívocas de ancoragem).

2.1. Para o conjunto das formas marcadas de que me ocuparei aqui, é significativo que um fragmento tem, na cadeia discursiva, um estatuto outro que releva da autonomia<sup>19</sup>.

Na autonomia simples, a heterogeneidade que constitui um fragmento mencionado, entre os elementos linguísticos de que faz uso<sup>20</sup>, é acompanhada de uma ruptura sintática. O fragmento citado no interior de um discurso relatado direto<sup>21</sup> ou introduzido por um termo metalinguístico (a palavra, o termo, a expressão, a fórmula "X"), nitidamente delimitado na cadeia discursiva, é apresentado como objeto; é extraído da cadeia enunciativa normal e remetido a outro lugar: aquele de um outro ato de enunciação (Z disse: "X", na expressão de Z, "X"... ) ou, num gesto metalinguístico no sentido estrito, aquele da língua (a palavra, o termo "X")<sup>22</sup>.

No caso em que me apóio aqui, mais precisamente o da conotação autonímica, o fragmento mencionado é ao mesmo tempo um fragmento do qual se faz uso: é o caso do elemento colocado entre aspas, em itálico ou (às vezes) glosado por uma incisa<sup>23</sup>. Contrariamente ao caso precedente, o fragmento designado como um outro é integrado à cadeia discursiva sem ruptura sintática: de estatuto complexo, o elemento mencionado é inscrito na continuidade sintática do discurso ao mesmo tempo

que, pelas marcas, que neste caso não são redundantes, é remetido ao exterior do discurso.

Uma dupla designação é assim operada pelas formas da heterogeneidade mostrada: a de um lugar para um fragmento de estatuto diferente na linearidade da cadeia e a de uma alteridade a que o fragmento remete.

2.2. A natureza desta alteridade é ou não especificada no contexto do fragmento mencionado. Nas formas da autonomia evocadas acima, a alteridade é explicitamente especificada e remete seja para um outro ato de enunciação seja para a língua enquanto exterior ao discurso em enunciação<sup>24</sup>.

Ela é implícita, ao contrário, pelas aspas e pelo itálico não glosados; em outras palavras, toda compreensão, interpretação destas marcas passa por uma especificação da alteridade a que remetem, em função de seu ambiente discursivo: por exemplo, uma outra língua, variedade de língua, um outro discurso diferente, um discurso oposto, etc.<sup>25</sup>.

A propósito, vejo como de particular interesse, na mesma estrutura de conotação autonímica, as formas inumeráveis - no sentido específico de conjunto infinito de expressões - de glosas, retoques, comentários sobre um fragmento de cadeia (assinalado ou não por aspas ou itálico<sup>26</sup>). É que elas especificam os parâmetros, ângulos, pontos de vista, através dos quais um discurso põe explicitamente uma alteridade em relação a si próprio.

São assim designados como "exteriores" em relação ao discurso, vindo interferir na cadeia do discurso em enunciação sob a forma de um ponto de heterogeneidade:

- uma outra língua<sup>27</sup>;
- um outro registro discursivo, familiar, pedante, adolescente, grosseiro etc.<sup>28</sup>
- um outro discurso, técnico, feminista, marxista, jacobino, moralista etc.<sup>29</sup> que pode ser somente caracterizado como discurso dos outros, discurso usual se assim se quiser, de alguns outros, de um outro particular<sup>30</sup>;
- uma outra modalidade de consideração de sentido para uma palavra, recorrendo explicitamente ao exterior, um outro discurso especificado<sup>31</sup>, ou aquele da língua como lugar da polissemia, homonímia, metáfora, etc... afastadas ou ao contrário invocadas para constituir o sentido da palavra<sup>32</sup>. Nos dois casos, ao lado do sentido dado como corrente, um sentido é constituído por uma palavra por referência a um ou outros sentidos produzidos alhures, no interdiscurso ou na língua.
- uma outra palavra, potencial ou explícita nas figuras de re-

serva (X, enfim X, se assim se quer; X se assim se pode dizer; de qualquer forma, admitimos ...) de hesitação e de retificação (X ou melhor Y; X, eu deveria ter dito Y; X, quer dizer ...; X, ou quase diria Y), de confirmação (X e é bem X o que estou querendo dizer; X é o que deve ser dito), variante, inversa das precedentes;

- um outro, o interlocutor, diferente do locutor e a este título suscetível de não compreender, ou de não admitir (se você entende o que quero dizer; se o senhor me permite a expressão; perdoe-me o termo; se você quiser assim ...), operações implicitamente admitidas como indo de si para fora do discurso, por parte do interlocutor - engrenagem do funcionamento normal da comunicação.

2.4.1. A dupla designação de um fragmento outro e da alteridade a que remete constitui, por diferença, uma dupla afirmação do um.

Ao nível da cadeia do discurso, localizar um ponto de heterogeneidade é circunscrever este ponto, ou seja, opô-lo por diferença do resto da cadeia, à homogeneidade ou à unicidade da língua, do discurso, do sentido etc.; corpo estranho delimitado, o fragmento marcado recebe nitidamente através das glosas de correção, reserva, hesitação... um caráter de particularidade acidental, de defeito local. Ao mesmo tempo, remete a um alhures, a um exterior explicitamente especificado ou dado a especificar, determina automaticamente pela diferença um interior, aquele do discurso; ou seja, a designação de um exterior específico é, através de cada marca de distância, uma operação de constituição de identidade para o discurso. Também a zona de "contato" entre exterior(es) e interior que mostra as marcas de distância num discurso é profundamente reveladora deste discurso, de um lado pelos pontos escolhidos para colocar explicitamente fronteiras, limites, demarcações - quer dizer, de que outro é preciso se defender, a que outros é preciso recorrer para se constituir - de outro lado, pelo tipo de relação que aí se joga com o outro, relação explicitada pelas glosas ou interpretável pelo contexto: há diferenciações que relevam do preciosismo cúmplice de um discurso com seus exteriores, do esforço de um discurso teórico, por exemplo, para ultrapassar a tecedura dos discursos pré-existentes na qual ele é tomado e na qual ele se faz, da marcação de posição de afrontamento polêmico, e de uma "luta pela vida" quando o que se joga na zona de contato não é da ordem da discussão, por mais violenta que seja, mas do direito à existência para um dos dois apenas, caso extremo da solidariedade constitutiva de um discurso em relação ao outro<sup>33</sup>.

Em resumo, as distinções operadas pelas formas marcadas de heterogeneidade mostrada relevam de uma relação de um ao outro, inscri-

ta no comparável, no comensurável, na pluralidade.

2.4.2. Ao mesmo tempo que elas colocam um exterior em relação ao qual se constitui o discurso, estas formas postulam uma outra exterioridade: aquela do enunciador capaz de se colocar em qualquer momento distante de sua língua e de seu discurso, isto é, de se ocupar, diante deles, tomando-os localmente como objeto, numa posição exterior de observador. É toda forma marcada de distância que remete a esta figura do enunciador, utilizador e dono de seu pensamento, mas esta figura é particularmente apresentada nas glosas de retificação, de reserva ... que a especificam como juiz, comentador ... de seu próprio dizer.

- 3 -

3.1. Heterogeneidade constitutiva do discurso e heterogeneidade mostrada no discurso representam duas ordens de realidade diferentes: a dos processos reais de constituição dum discurso e a dos processos não menos reais, de representação, num discurso, de sua constituição.

Não se trata de assimilar um ao outro, nem de imaginar um relacionamento simples, de imagem, de tradução, nem de projeção de um no outro; essa relação de correspondência direta é interdita tanto porque ela faria supor uma transparência do dizer em suas condições reais de existência quanto pela irreducibilidade manifesta das duas heterogeneidades.

A uma heterogeneidade radical, exterioridade interna ao sujeito e ao discurso, não localizável e não representável no discurso que constitui, aquela do Outro do discurso - onde estão em jogo o interdiscurso e o inconsciente -, se opõe à representação, no discurso, as diferenciações, disjunções, fronteiras interior/exterior pelas quais o um - sujeito, discurso - se delimita na pluralidade dos outros, e ao mesmo tempo afirma a figura dum enunciador exterior ao seu discurso.

Face ao "isso fala" da heterogeneidade constitutiva responde-se através dos "como diz o outro" e "se eu posso dizer" da heterogeneidade mostrada, um "eu sei o que eu digo", isto é, sei quem fala, eu ou um outro, e eu sei como eu falo, como utilizo as palavras.

Se todo relacionamento simples desses dois planos comporta inevitavelmente uma assimilação redutora de um ao outro<sup>34</sup>, não se deve, por isso, na base de sua irreducibilidade, admitir o fechamento na descrição de um dos dois planos, havendo risco permanente de fazê-lo como a realidade enunciativa, explicitamente ou não, recusando todo direito de cidadania ao outro plano, ou, mais prudentemente, postulando a indepen-

dência, a autonomia dos dois planos, ou seja a não-pertinência de um plano em relação ao outro. Estes procedimentos me parecem ser, de maneira geral, os da pragmática por um lado e os das abordagens teóricas da heterogeneidade constitutiva do discurso por outro lado. Acredito ser indispensável reconhecer que essas duas ordens de realidade são irreducíveis mas articuláveis e até mesmo, necessariamente, solidárias<sup>35</sup>.

3.2.1 O paradoxo da expressão "heterogeneidade constitutiva" capta a ameaça de se desfazer a todo momento o que sujeito e discurso dão por feitos: no que se constitui e em quem se constitui, por heterogêneo, lhe escapa.

Para o sujeito dividido, o papel indispensável do Eu, é aquele dum instância que, no imaginário, se ocupa de reconstruir a Imagem de um sujeito autônomo, anulando, no desconhecimento, o descentramento real.

As formas marcadas de heterogeneidade mostrada representam uma negociação com as forças centrífugas, de desagregação, da heterogeneidade constitutiva: elas constroem no desconhecimento desta, uma representação da enunciação, que, por ser ilusória, é uma proteção necessária para que um discurso possa ser mantido.<sup>36</sup>

Assim essa representação da enunciação é igualmente "constitutiva", em um outro sentido: além do "eu" que se coloca como sujeito de seu discurso, "por esse ato individual de apropriação que introduz aquele que fala em sua fala"<sup>37</sup>, as formas marcadas da heterogeneidade marcada reforçam, confirmam, asseguram esse "eu" por uma especificação de identidade, dando corpo ao discurso - pela forma, pelo contorno, pelas bordas, pelos limites que elas traçam - e dando forma ao sujeito enunciador - pela posição e atividade metalingüística que encenam.

3.2.2. O que caracteriza as formas marcadas da heterogeneidade mostrada como formas do desconhecimento da heterogeneidade constitutiva é que elas operam sobre o modo da denegação. Por uma espécie de compromisso precário que dá lugar ao heterogêneo e portanto o reconhece, mas para melhor negar sua onipresença. Elas manifestam a realidade desta onipresença precisamente nos lugares que tentam encobri-la.

A presença do Outro emerge no discurso, com efeito, precisamente nos pontos em que se insiste em quebrar a continuidade, a homogeneidade fazendo vacilar o domínio do sujeito; voltando o peso permanente do Outro localmente designado; convertendo a ameaça do Outro - não dizível - no jogo reparador do "narcisismo das pequenas diferenças" ditas, opera-se um retorno à segurança, um reforço do domínio do sujeito,

da autonomia do discurso, mesmo em situações que lhes escampam.

O lapso não é a única forma de emergência tangível do Outro no discurso; as formas marcadas da heterogeneidade mostrada também o são, mas sob as formas desviantes do domínio do dito; em conflito solidário com a heterogeneidade constitutiva estas formas são em relação àquelas ao mesmo tempo um sintoma e uma defesa; justamente onde o lapso, emergência bruta, produz "buraco" no discurso, elas dão a imagem de um espaço, de uma sutura sublinhada pela costura que o anula.

Ao conjunto de fissuras, junções que funcionam como costuras escondidas sob a unidade aparente de um discurso e que a análise - análise do discurso, descrição dos textos literários e poéticos, psicanálise - pode em parte evidenciar como pistas do interdiscurso ou do jogo do significante, as formas marcadas da heterogeneidade mostrada opõem a retórica da falha mostrada, da "costura aparente".

3.2.3. É ao corpo do discurso e à identidade do sujeito que remetem as diversas formas da heterogeneidade mostrada em sua relação com a heterogeneidade constitutiva: proibidos, protegidos na denegação, por formas marcadas, discurso e sujeito são, ao contrário, expostos ao risco de um jogo incerto pelas formas não marcadas e devotados à perda, face à ausência de toda heterogeneidade mostrada, no emaranhado da heterogeneidade constitutiva.

Efetivamente, as formas não marcadas da heterogeneidade mostrada - discurso indireto livre, ironia... de um lado, metáforas, jogos de palavras ...de outro lado - representam, pelo continuum, a incerteza que caracteriza a referência ao outro, uma outra forma de negociação com a heterogeneidade constitutiva; uma forma mais arriscada, porque joga com a diluição, com a dissolução do outro no um, onde este, precisamente aqui, pode ser enfaticamente confirmado mas também onde pode se perder.

É deste modo que tais formas, sem ruptura, conduzem aos discursos que, bem mais próximos da heterogeneidade constitutiva, renunciam a toda proteção diante dela, e tentam o impossível "fazer falar", no vertiginoso apagamento do enunciador atravessado pelo "isso fala" do interdiscurso ou do significante tal como o desenham, absolutos míticos, o Livro "inteiramente recopiado" de Flaubert cujo *Dictionnaire des idées reçues* e Bouvard et Pécuchet foram elementos ou esboços, e o Livro "que existe sozinho", "sem voz do autor", produzido por uma "álgebra" do significante, de Mallarmé, cujo *Coup de dés* era uma abordagem.

3.3. Assim, no campo da enunciação, estão em jogo de maneira

solidária esses dois planos distintos - mas não disjuntos - condições reais de existência de um discurso e da representação que dele se dá.

Na descrição, circunscrever-se a um dos dois planos é evidentemente legítimo; mas colocar esse plano como um todo autônomo, fechado a esse exterior pertinente que constitui o outro plano, é fonte, creio inevitável, de engano e de mutilação do terreno escolhido.

Não penso que seja necessário se fechar na alternativa pela qual opta O. Ducrot ao concluir sua discussão com P. Henry: quer a de se interessar pela maneira com que o locutor pode "se representar um sentido de suas palavras", quer a de ter por "uma ilusão, a eventualidade de que o locutor seja sujeito", "se desinteressar dessas representações do sentido por X ou por Y"<sup>38</sup>.

Na pragmática, a consideração da realidade do interdiscurso e do inconsciente, atravessando a língua, não recusaria a descrição lingüística das formas da representação; ela só invalida essa descrição em função de uma metodologia geral que tende a se dar como o todo da realidade enunciativa que reproduz em sua teoria da enunciação<sup>39</sup> o gesto denegador do locutor quanto a esse Outro que o atravessa. Nesse sentido, parece esclarecedora<sup>40</sup> a maneira pela qual O. Ducrot tenta se precaver contra esse obstáculo: um sistema de defesas teóricas em torno da autonomia de seu objeto - levado ao limite em que o conceito de enunciação "não implica a hipótese de que o enunciado é produzido por um sujeito falante"<sup>41</sup>, pela "representação da enunciação" estritamente fechada sobre si mesma que aí é proposta, uma espécie "fora de lugar" - teatral - habitado por "seres da fala" que, fora de qualquer ligação explícita com o sujeito falante e sua realidade de ser de fala, aparecem como "suspensos", "desancorados".

Reconhecer e dar conta desse Outro que lhe escapa, não é para a lingüística da enunciação "abrir suas comportas e afogar-se, mas descentralizar-se fora de um lugar ilusório e/ou dar-se um ancoramento real mas fora de si própria."<sup>42</sup>

Ao contrário, no quadro das teorias não subjetivas da fala, a consideração das formas lingüísticas marcadas de heterogeneidade mostrada representaria um passo para a descrição das formas práticas, na língua e no discurso, segundo as quais funciona a ilusão do sujeito.

O princípio segundo o qual "a incertitude precede e domina a asserção" pôde funcionar nos trabalhos de análise do discurso como caução teórica ao desinteresse pelas formas concretas da asserção. Como observa A. Culioli<sup>43</sup>:

"À medida que enunciamos, construímos um espaço enunciativo, ou seja, estamos ao mesmo tempo constituindo as regras do jogo. (...) Parece-me que frequentemente os especialistas da análise do discurso não dão a devida importância a essa materialidade da atividade enunciativa."

Ora, ainda aqui, esse esvaziamento de um dos planos não deixa de incidir na descrição do outro: as formas da heterogeneidade mostrada, que traduzem a ilusão do sujeito na sua fala, manifestam também, nós já o vimos, a brecha no domínio, pelo gesto que tenta colmatá-la. Ou seja, a ilusão que se manifesta no discurso não apaga radicalmente o que ela tenta reprimir; ela não é esse engodo perfeito produzido por um determinismo sem falhas, completamente ignorado pelo sujeito, que as teorias da "interpelação ideológica" transferiram, durante certo tempo, aos trabalhos consagrados ao discurso<sup>44</sup>.

Assim, a atenção às formas concretas da representação da enunciação que são, entre outras, as formas da heterogeneidade mostrada, pode contribuir, no âmbito do discurso, para manter a distinção entre o eu pleno e o sujeito que, ele, atropela e para evitar de denunciar o domínio como ilusão do sujeito, para recolocar tal distinção no nível dos mecanismos produtores dessa ilusão.

#### NOTAS

1. Lingüística da enunciação, pragmática, análise do discurso, teoria do signo, descrição de textos ou de gêneros literários.
2. Neste conjunto de formas marcadas, distingo aquelas que mostram o lugar do outro de forma unívoca (discurso direto, aspas, itálicos, incisos de glosas) e aquelas não marcadas onde o outro é dado a reconhecer sem marcação unívoca (discurso indireto livre, ironia, pastiche, imitação,...).
3. O locutor intencional da pragmática, calculando estratégias no contexto da interação comunicacional - cf. Gruning, (79) - tem, sobre esta questão de relação explícita ao exterior da lingüística um estatuto freqüentemente amíguo: é claro que implica certas concepções filosóficas, psicológicas, sociológicas do sujeito e das relações interindividuais, mas como estas aqui vão na direção das evidências vivenciadas por sujeitos falantes, podem integrar-se convenientemente às descrições lingüísticas sem estas precisarem ter necessariamente daquelas uma definição - escolhas teóricas extra-lingüísticas - mas com a aparência de neutralidade teórica própria ao bom senso. Ao contrário, toda referência a teorias não subjetivas do sujeito e da fala, necessariamente - explicitam - "provocações teóricas" - tudo que

4. vai de encontro às evidências narcísicas dos sujeitos falantes, ver-se-á facilmente suspeita de afogar ou destruir o objeto lingüístico no do não lingüístico.
4. Sobre estes pontos, ver na mesma ótica, Authier-Revuz (82), p. 101-123 e para sua apresentação de conjunto, Todorov (81).
5. Bakhtine (75), p. 100, 102, 114 (edição francesa).
6. Cf. Kristeva (70) "O trabalho de Bakhtine nos leva a uma teoria do sujeito.
7. Por exp. Pêcheux (75a) (75b), Henry (77), Maradin (79), Courtine (81), Conein et alii (81).
8. Pêcheux (75b) p. 147 - grifos meus.
9. A da "interpelação" dos indivíduos em sujeitos falantes fontes de seu discurso.
10. M. Pêcheux e C. Fuchs in Pêcheux (75a) p. 19.
11. Referência não ausente evidentemente, de numerosos trabalhos consagrados ao discurso evocados acima; cf. em particular Henry (77), Conein et alii (81).
12. Por razões editoriais, o desenvolvimento inicialmente redigido foi substituído pelo resumo a seguir. Para uma apresentação mais detalhada na mesma ótica, cf. Authier-Revuz (82).
13. Cf. as descrições pré-freudianas (Janet, Breuer) de segunda personalidade ligada a uma "fraqueza da síntese psicológica". (Cf. por exemplo "Clivage du moi" e "Subconscient" in Laplanche et Pontalis (68).
14. Laing (1960).
15. Cf. Anna Freud e sobretudo H. Hartmann, Cf. Clément (72).
16. Isto pela diferença de sua relação explícita com Freud, já que Laing recusa a psicanálise para se apoiar nos filósofos existenciais onde as teorias do eu autônomo se apresentam como "escoramento" das concepções freudianas.
17. Roudinesco (77), p. 42.
18. Clément C. (72).
19. Ver em Rey-Debove (78) o ordenamento dessas noções que utilizei na descrição das formas do discurso relatado e das "palavras mantidas à distância", aspeadas (Authier (78)-(81).
20. Retomo aqui a oposição uso/menção clássica na tradição lógica; o domínio instrumental do sujeito na língua suposta por estes termos vai contra os pontos de



vista desenvolvidos em 1., remetendo ao nível da representação que o sujeito dá de sua atividade enunciativa.

21. Por oposição ao discurso indireto que é um modo homogeneizante de restituição de um outro ato de enunciação.
22. Entre estes dois polos, remissão do fragmento a um ato de enunciação individual vs remissão à língua (a fala de De Gaulle, "a intendência segurá", passou para a posteridade vs a palavra "cavalo" tem três sílabas) existe de fato um continuum que releva da ordem do discurso.
23. (1) o "sit-in" dos estudantes se prolongou. (2) o sit-in dos estudantes... (3) o "sit-in" dos estudantes, como se diz atualmente... (4) o sit-in dos estudantes, como se diz atualmente... A incisiva pode glosar uma menção já marcada (3), ou conferir por si mesma o estatuto "mencionado" a um fragmento (4); neste caso, os eventuais problemas de incidência sintático-semântica da incisiva colocam problemas de delimitação do fragmento mencionado.
24. Formas autonômicas, sem explicação por um termo metalingüístico, evidentemente também podem ser encontradas ("cavalo" tem três sílabas) e podem produzir ambigüidades na oralidade (diga-me "por que"/diga-me por que).
25. Cf. o estudo dos valores das palavras aspeadas in. Authier (81).
26. Sobre estas formas de glosa, cf. Authier-Revuz (82:92-96).
27. Ex.: al dente como dizem os italianos.
28. Ex.: para usar uma expressão dos jovens, alguns modelos "detonam".  
- a "dialética", para ser pedante.
29. Ex.: o socialismo real, como o partido comunista insiste em dizer. Ou: a linguagem (natural como necessitam dizer os lógicos).
30. Ex.: o que chamamos de "ciências humanas". Ou: e isto não significa qualquer coisa (como se diz hoje)... Ou: é necessário, desculpem-me pelo lugar comum, que pode parecer estereótipo trabalhar um conceito. Ou: cortejar, como dizia minha avó.
31. Ex.: Uma contradição, no sentido materialista do termo. Ou: o destino, no sentido dos gregos. Ou: "lugares românticos" no sentido em que são até hoje entendidos. A especificação por um outro discurso, "materialista", "grego" ... pretende afastar o risco de atração da palavra, face ao interdiscurso, no interior de um outro discurso, aqui, o discurso lógico para contradição, o discurso cristão para destino.
32. Cf. todos os "X em sentido próprio". "X, metaforicamente, etc. Ex.: a língua é um jogo, como se diz; cheio de duplicidades, nos dois sentidos da palavra; moças

presas - sem metáfora - pelos padrões; marcamos esta noite um acontecimento, um feliz acontecimento, se me permitem esta expressão: a publicação neste ano de um conjunto de trabalhos.

33. O discurso de Faurisson (cf. "Mémolre en défense" La Vieille Taupe, estudo de G. Authier-Revuz e L. Romeu, in Mots 8, 1984, que se baseia na denúncia do discurso "mítico" (aspas minhas) sobre as "câmaras de gás" (aspas de Faurisson) é um caso exemplar. No espaço deste texto, não analiso textos que apresentem estes diversos tipos de relações heterogêneas; elementos esquemáticos podem ser encontrados em Authier (81).
34. Na minha opinião, é o que faz E. Fouquier (81) em seu estudo das formas de distanciamento, correlacionar "homologia" e "comportamento discursivo" de distanciamento e a divisão do sujeito. A despeito das referências feitas a Freud e Lacan, esta correlação é incompatível com a concepção psicanalítica de um sujeito descentrado, efeito da linguagem; esta correlação, ao contrário, pode estar de acordo com as concepções opostas do sujeito reduzido ao eu (cf. 1 acima), divido, alienado, preso aos jogos da má fé e da representação teatral, de Laing, Sartre, Goffman utilizando a língua em sua relação com o outro. Esta mesma correlação pode ser reencontrada, por caminhos diferentes, no locutor (pleno) da pragmática e de uma psicologia da enunciação surda à heterogeneidade constitutiva do inconsciente e da ordem do discurso.
35. Note-se, no nível do vocabulário utilizado para dar conta de um e outro plano, a presença de palavras capazes de levar ao engodo: a divisão do sujeito psicanalítico vs a divisão do sujeito falante em enunciador, locutor...; a heterogeneidade que constitui um discurso no sentido de sua tecitura vs a heterogeneidade mostrada que constitui um discurso no sentido de sua relação a um exterior que lhe confere uma forma própria; a polifonia de todo discurso que necessariamente "se alinha sobre os muitos planos de uma partitura" vs os "efeitos" de polifonia que permitem certas formas de heterogeneidade mostrada. Se é indispensável não confundir-los, este parentesco que não é fortuito pode ser entendido como sinal da solidariedade que existe, de fato, entre os dois planos em uma relação de determinação assimétrica.
36. Importa precisar que se estas formas de representação se prestam facilmente a engodos, a enganos, a cálculos, a estratégias artificiosas da comédia interacional; estes jogos, na relação com o outro, mascarando fundamentalmente o engodo, o engano, são, antes de tudo, para o sujeito, uma estratégia de proteção para si próprio e para seu discurso face à ameaça incontornável da heterogeneidade constitutiva.
37. Benveniste (70).
38. Ducrot (77:202-203).
39. Cf. Grunig (79).

40. Independentemente dos problemas que as interpretações propostas me parecem, algumas vezes, suscitar quanto à assépsia da descrição vis-à-vis do extralinguístico.

41. Ducrot (80a:33-34).

42. Cf. as reflexões de C. Fuchs (81) sobre "o papel do sujeito" nas teorias da enunciação, sublinhando o paradoxo que há em incorporar na linguística a enunciação para em seguida fechá-la sobre si mesma. (p.50-52).

43. Mesa-redonda in. Conein et alii (81).

44. Cf. por exemplo Pêcheux (75) e a evolução bastante clara marcada sobre este ponto, por exemplo, Henry (77) no apêndice crítico à edição inglesa de Pêcheux (75) (Language, semantics and ideology, MacMillan, 1982, p.211-220) et Conein et alii (81).

#### BIBLIOGRAFIA

AUTHIER, J. (1978). "Les formes du discours rapporté. Remarques syntaxiques et sémantiques à partir des traitements proposés", DRLAV, Paris, n° 17, p.1-87.

———. (1981), "Paroles tenues à distance", in Conein et alii (1981).

———. (1982), "La mise en scène de la communication dans des discours de vulgarisation scientifique", Langage, Larousse, Paris, n° 53, p.34-47.

AUTHIER-REVUZ, J. (1982), "Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours". DRLAV, Paris, n° 26, p.91-151.

BAKHTINE, M. (1975), "Questions de littérature et d'esthétique", Moscou; trad. fr. Esthétique et théorie du roman, Gallimard, Paris, 1978.

BENVENISTE, E. (1970), "L'appareil formel de l'énonciation", Langages, Larousse, Paris, n° 17, p.12-18.

CLEMENT, C. (1972), "Le Moi et la déconstruction du sujet", Article Moi, Encyclopédia Universalis, vol. 11, 2<sup>e</sup> publication, p.172-175.

———. (1973), Le pouvoir des mots. Mame, Paris.

CONEIN, B. et alii (1981): (B. Conein, J.-J. Courtine, F. Gadet, J.-M. Marandin, M. Pêcheux): Matérialités discursives, Actes du Colloque des 24-26 avril 1980, Paris X, Nanterre, Presses Universitaires de Lille.

COURTINE, J.-J. (1981), "Analyse du discours polique", Langages, Larousse, Paris, n° 62.

DUCROT, O. (1977), "Note sur la présupposition et le sens littéral", postface à Henry (1977), p.169-203.

———. (1980a), "Analyse de textes et linguistique de l'énonciation", in Les mots du discours, Ed. de Minuit, Paris.

———. (1980b), "Analyses pragmatiques", Communications, Le Seuil, Paris, n° 32, p.11-60.

FOUQUIER, E. (1981), Approche de la distance, Thèse de 3<sup>e</sup> cycle EHESS, ronéoté, 246 p.

FUCHS, C. (1981), "Les problématiques énonciatives: Esquisse d'une présentation historique et critique", DRLAV, Paris, n° 25, p.35-60.

GRUNIG, B.N. (1979), "Pièges et illusions de la pragmatique linguistique", Modèles linguistiques, P.U. Lille, n° 1, p.7-38.

HENRY, P. (1977), Le mauvais outil, Klincksieck, Paris.

KRISTEVA, J. (1970), "Une poétique ruinée", préface à la trad. fr. de Bakhtine: La poétique de Dostoïevski, Le Seuil, Paris, p.5-21.

KUENTZ, P. (1972), "Parole/Discours", Langue française, Larousse, Paris, n° 15, p.18-28.

LANCAN, J. (1953), "Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse", in Ecrits I, Le Seuil, Coll. Points, Paris.

———. (1957), "L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud", in Ecrits I, Le Seuil, Coll. Points, Paris.

LAING, R.D. (1960), The divided self, trad. fr. Le Moi divisé, Stock, Paris, 1970.

LAPLANCHE, J. et PONTALIS, J.-B. (1968), Vocabulaire de la psychanalyse, PUF, Paris.

MAINGUENEAU (1976), Initiation aux méthodes d'analyse de discours, Hachette, Université, Paris.

MANNONI, O. (1969), Clefs pour l'imaginaire ou l'autre scène, Le Seuil, Paris.

MARANDIN, J.-M. (1979), "Analyse de discours et linguistique générale", Langages, Larousse, Paris, n° 53.

PÊCHEUX, M. (1975a), "Analyse du discours. Langue et idéologie", Langages, Larousse, Paris, n° 37.

———. (1975b), Les Vérités de La Palice, Maspéto, Paris.

REY-DEBOYE, J. (1978), Le métalangage, Ed. Le Robert, Coll. L'ordre des mots, Paris.

ROUDINESCO, E. (1973), *Un discours au réel*, Mame, Paris.  
———. (1977), *Pour une politique de la psychanalyse*, Maspero, Paris.

TODOROV, T. (1981), *Mikhaïl Bakhtine, le principe dialogique, suivi des écrits du Cercle de Bakhtine*, Le Seuil, Paris.

## CONSTRUÇÕES RELATIVAS E ARTICULAÇÕES DISCURSIVAS \*

PAUL HENRY

(Tradução de João Wanderley Geraldi e Celene Margarida Cruz)

### 1. Relativas e determinação

A descrição do funcionamento das relativas nas gramáticas clássicas aparece como uma simples distinção classificatória; haveria relativas restritivas e relativas explicativas, como há terras e oceanos. Ora, esta classificação recobre de fato duas concepções rivais sobre a determinação que assumem posições distintas a propósito da relação entre pensamento e discurso. Começemos pelas evidências classificatórias. O que distinguiria os dois tipos de relativas, segundo as gramáticas, seria que a restritiva especifica uma particularidade do antecedente que estaria em questão no enunciado, particularidade que tornaria possível sua identificação prática no mundo das coisas ou do pensamento. A restritiva interviria então, como outras formas de determinação, na função designativa ou referencial; ela contribuiria na constituição do objeto do discurso em objeto exterior ao discurso. Ao contrário, a relativa dita explicativa enunciaria uma particularidade do que está em questão no discurso, mas supõe-se que esta particularidade não intervém na identificação prática do que está em questão no discurso, identificação que na prática se daria de maneira completamente independente desta relativa, a partir do substantivo, ou mais amplamente, do grupo nominal denominado antecedente. Em um segundo sentido então, neste caso, é o substantivo - ou o grupo nominal - antecedente que determinaria na realidade a relativa explicativa permitindo relacioná-la a um objeto já praticamente identificado na ordem das coisas ou dos pensamentos. Tem-se, então, não uma simples classificação

\* Publicado originalmente na revista LANGAGES, nº 37, março de 1975. Agradecemos ao autor e à editora Didier-Larousse pela autorização para publicar a tradução em nossa revista.